

› Opinião

Mendes Godinho, um incontornável património de Tomar (1)



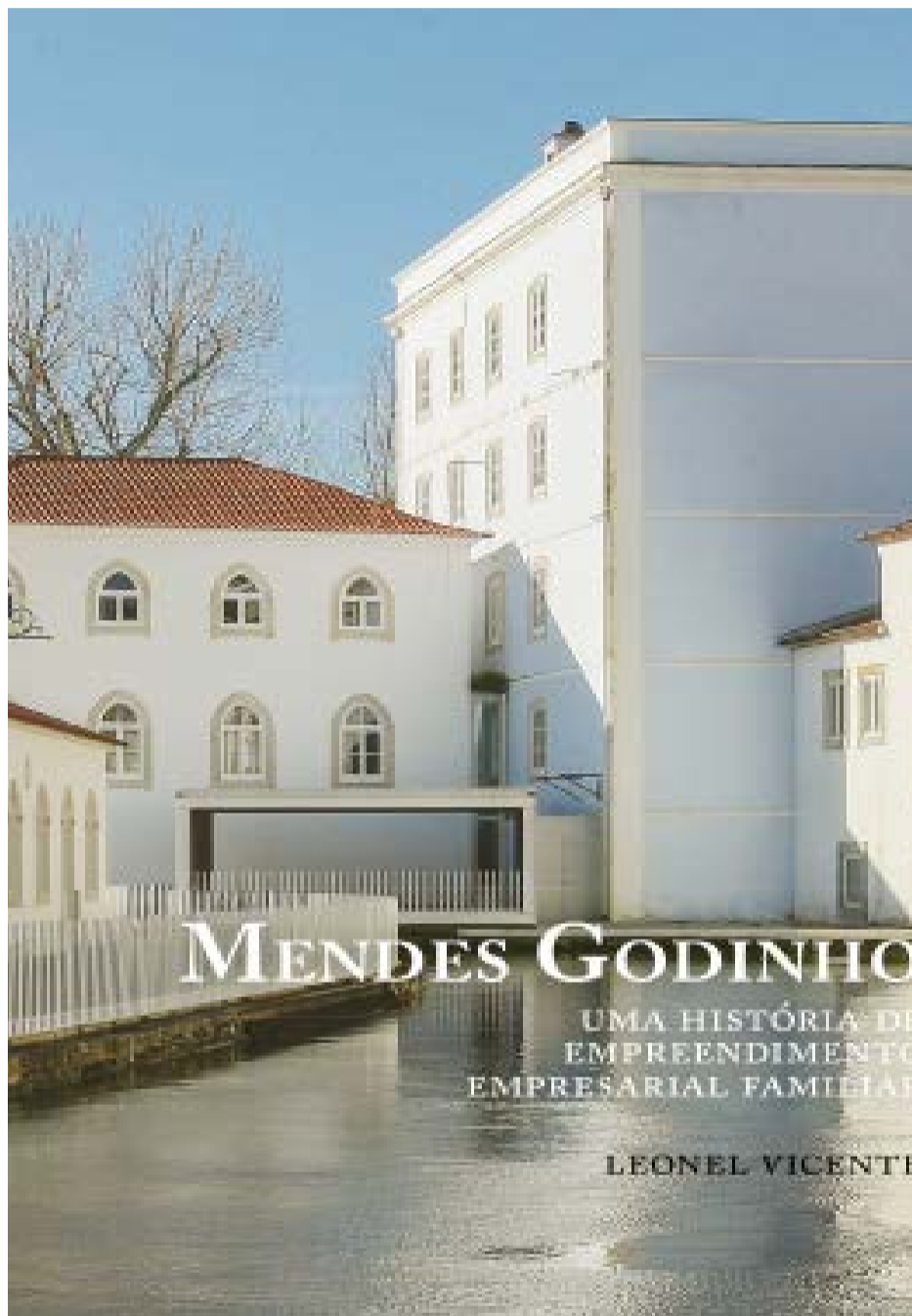
BEJA SANTOS

“Mendes Godinho, Uma história de empreendimento empresarial familiar”, por Leonel Vicente, edição Associação MG – Memorial Mendes Godinho, 2018, é uma investigação muito cuidada e detalhada sobre uma obra que marcou indelivelmente a cidade de Tomar: pela tenacidade e largueza de vistas do fundador de um império agrícola, comercial, industrial e financeiro; pelo património arquitetónico que faz parte, sem discussão, do que o casco histórico tomarense oferece, mostra do seu orgulho cívico e de um passado lustroso que o viajante ou turista contemplarão, impressionados. Tudo conjugado, fará sentido desdobrar esta leitura pelos principais temas que Leonel Vicente cunhou no seu trabalho: a Manuel Mendes Godinho & Filhos; a Casa Bancária Manuel Mendes Godinho & Filhos e depois as Fábricas Mendes Godinho, a TAGOL, Companhia de Oleaginosas do Tejo e as vicissitudes da nacionalização deste vasto império de negócios.

Ninguém ignora Manuel Mendes Godinho, nascido em 1849, em Cem Soldos, subiu a pulso, começou por comprar e vender barro cozido, alargou-se pelos vinhos e azeite, estendeu-se pela agricultura, construiu ou adquiriu imóveis, lançou-se nas moagens, estava atento ao que mudava no mundo nos transportes e na energia. Com obra já feita, funda em 1917, a Sociedade Manuel Mendes Godinho & Filhos, impõe-se em Tomar a indústria de moagem “A Nabantina”, a Central Elétrica, a moagem “A Portuguesa”, a base do Grupo Mendes Godinho. Leonel Vicente dá-nos um relato incisivo destas estruturas moageiras, segue-se a Sociedade em nome coletivo, a Casa Bancária, a Casa Agrícola, o historial da gerência de João Mendes Godinho, e depois as Cerâmicas “Emegê”.

O autor vai recuperar as palavras de Maria do Rosário Mendes Godinho Passos Baeta Neves, proferidas em cerimónia de homenagem póstuma a João Mendes Godinho Júnior:

“No mundo empresarial existem três categorias: o empresário, o acionista e o gestor. João Mendes Godinho juntava numa só pessoa, todas elas. A sua busca em novos negócios, o risco calculado pelo que respondia, em última análise, o património pessoal de uma família, o conhecimento do negócio em todas as suas fases, a sua visão estratégica e a capacidade de gerar riqueza, que não correspondeu apenas à condição de acionista, mas se alargou a colaboradores, a esta terra e ao país e os seus conhecimentos de gestão que permitiram a fixação e hierarquização de objetivos, o acompanhamento de todos os dossiês técnicos e a escolha de colaboradores. Era também um líder natural, âncora em bons e maus momentos, capaz de explicar os seus objetivos e transmiti-los a



todo um corpo social que os tomava como seus e se orgulhava deles. Nas empresas distinguimos a visão, a missão e a gestão.

A sua vasta cultura, muito para além do económico e social, a sua fluência em várias línguas e a sua rede de contactos e amizades no país e no estrangeiro, a sua inteligência e o seu carácter permitiram a correta caracterização daquilo a que chamamos o ambiente envolvente de uma empresa: seja contextual (económico, sociocultural, político-legal e tecnológico) seja transaccional (clientes, fornecedores, concorrentes e comunidade)”. Leonel Vicente recolhe igualmente o testemunho do filho, José Maria, que nos lembra o lado visionário do seu pai. Falando das cerâmicas, observa: “O problema das cerâmicas era o combustível. Então o meu pai resolveu fazer uma fábrica de extração de óleo de bagaço. Comprava o bagaço aqui por esta região, depois extraíam e vendiam o óleo. Um quilo de bagaço, dizia o meu pai, tinha um terço das calorías de um quilo de gás. Portanto, era uma coisa muito valiosa”.

Falando da Platex, José Maria Mendes Godinho observa a visão do pai: “Nos anos 60 começou a estudar uma indústria ligada à produção de papel, mas não gostou e então estudou a Platex, portanto as placas de fibra de madeira. Aí também fizeram uma caldeira logo de início para trabalhar com o bagaço. Depois, nessa altura, começou-se a desenvolver a pecuária industrial e fizeram uma fábrica de rações perto de Central Elétrica na Levada”. E falando dos últimos projetos do pai: “Nos últimos anos da vida dele meteu na cabeça que devia fazer o Tejo Navegável. A ideia era construir uma barragem em Santarém, outra em Almourol – as barragens para cima então já feitas já tinham os sítios para permitirem as passagens dos barcos – e depois, em Muge, possivelmente tinha que fazer um resalto. Este projeto iria produzir energia e permitiria uma passagem de barcos até 5 mil toneladas que podiam vir de Castelo Branco e até entrar na Europa. O custo de transporte por barco é um, por comboio é quarto e por camião é trinta”.

José Maria Mendes Godinho encara positivamente a atual dinâmica nos lagares d’El Rey/ Museu da Levada e a constituição da Associação Memorial Mendes Godinho: “Para o futuro, nós temos os projetos de navegabilidade do Tejo, para quem os quiser estudar. Para o passado, é importante preservar a história do lugar, os documentos para alguém que um dia os queira estudar. Fica para as gerações vindouras.”

A seguir, falar-se-á da Casa Bancária Manuel Mendes Godinho & Filhos.

(Continua)